

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**  
**INSTITUTO DE ARTES**  
**COMISSÃO DE GRADUAÇÃO - ARTES VISUAIS**  
**CURSO DE BACHARELADO**

**Ana Paula Baldini Reis**

**Cartografia de um delírio:**

**o desejo de ser artista num território de improbabilidades**

**Porto Alegre - outubro de 2022**

**Ana Paula Baldini Reis**

**Cartografia de um delírio:**

**o desejo de ser artista num território de improbabilidades**

**Projeto de Graduação  
apresentado à Comissão de Graduação do  
Curso de Artes Visuais - Bacharelado  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul,  
como requisito parcial e obrigatório para  
obtenção do grau de Bacharel em Artes Visuais**

**Orientador: Flávio Gonçalves**

**Porto Alegre - outubro de 2022**

## Agradecimentos

Aos que me apoiam e fortalecem, me entusiasmam e sensibilizam nessa caminhada, dedico este poema:

“Nenhum poema nos livra do sofrimento de cinco séculos. Nenhum verso nos livra da morte, do pelourinho, dos militares, das chacinas, da grande mídia, dos banqueiros, de todo o resto que bem sabemos. Nós somos epígonos de um mundo que teima em não acabar. Não somos antenas da raça nem, muito menos, arautos de um futuro que certamente nos cega, senão leitores do que ficou perdido de um passado que também nos cega e de um ponto turvo qualquer de nosso tempo que, mesmo nos cegando, apalpamos para guardar o que percebemos necessário. Mesmo que com um número cada vez maior de pessoas, somos uma espécie em extinção, que insiste em sobreviver, de historiadores do presente, arqueólogos do agora, sismógrafos de nosso tempo a flagrar o tremor da terra que se abre aos nossos pés. Escutamos mensagens distantes com os ouvidos colados ao chão, acompanhando ventos e fantasmas com os quais convivemos. É preciso uma chance a quem, apesar de tudo, a cada dia, insiste no verso do que deveria estar findo e, pelos sinais trocados, não sabemos se agoniza ou se impera na plenitude de seu poder renovado. Antes de mais nada, é preciso tocar o real intocável. É preciso esperar o inesperável, acreditar no inacreditável que acontece à nossa frente, possibilitar o impossível do qual extraímos o que nos movimenta. Talvez tenhamos de pensar melhor como chegamos até aqui. Em todo caso, nossa solidão é um amontoado de pessoas, reações imaginárias, pedras em sacos afundados num poço qualquer esquecido e, mesmo no meio da aglomeração, seguimos solitários. Sabemos que estamos todos sem vínculos, que estamos todos sem laços. Tudo foi destruído. Somos governados por aqueles que há milênios foram chamados de misólogos - e seguem iguais -, aqueles que, odiando-o, não se servem mais do discurso para persuadir, aqueles que, vivendo na estupidez, desgraçados, chegam a seus fins pelos mais diversos modos de violência. Remanescentes de relações com o que já foi chamado de Musa, Graça, entusiasmo, inspiração, inconsciente, trabalho, povo, alteridade, infância e linguagem, remanescentes do que já foi chamado de Humanas, seguimos adiante em nossa filologia, de nossa aposta de que ainda nos cabe falar para persuadir, de que ainda nos cabe falar para, ao menos, guardar o que, mesmo perdido e inencontrável, não pode, de modo algum, deixar de vingar.”

Alberto Pucheu

## Sumário

Agradecimentos.....	3
Sumário.....	4
Resumo.....	5
Introdução.....	6
Breve constatação sobre agosto de 2022 .....	8
Sobre o ensaio.....	9
Imagens de dentro .....	10
Breve nota de foro íntimo.....	12
“São bem expressivos, não é?” .....	13
A pergunta que não quer calar.....	15
Sobre ser criança novamente.....	16
Berro.....	19
Refugiados.....	23
De um navio tumbeiro.....	25
O som do grito.....	28
Fantasmagorias e afins.....	29
Considerações finais.....	33
Referências bibliográficas.....	34

## Resumo

O presente trabalho insere-se no campo de investigações sobre a criação poética em artes visuais, pintura e desenho, visando compreender a construção da identidade de uma artista diante de um território de incertezas e improbabilidades. A necessidade de se fazer arte e os dilemas que integram seu processo de auto-afirmação, além dos resultados obtidos a partir de trabalhos que tem sua origem em imagens suscitadas pela imaginação. A artista autora apresenta as relações estabelecidas entre o conteúdo subjetivo dessas imagens, contextualizadas num período político sombrio em que vive, onde há especulações feitas que sugerem determinadas leituras para suas obras. Um genuíno esforço para traçar os caminhos percorridos ao realizar cada trabalho, onde o leitor é conduzido ao cerne de algumas questões fundamentais que mobilizam o processo de criação.

**Palavras-chave:** pintura, desenho, ensaio, imaginação, processo criativo

## Introdução

Este é um trabalho de conclusão da graduação em Artes Visuais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, e será organizado enquanto um ensaio, onde apresento cronologicamente cada trabalho realizado dentro do Projeto de Graduação. Tendo em mãos um ensaio, organizei os escritos através das motivações e necessidades que me levam a fazer arte, investigando e decupando as pinturas e os desenhos realizados nessa etapa final do curso.

“O ensaio, porém, não admite que seu âmbito de competência lhe seja prescrito. Em vez de alcançar algo cientificamente ou criar artisticamente alguma coisa, seus esforços ainda espelham a disponibilidade de quem, como uma criança, não tem vergonha de se entusiasmar com o que os outros já fizeram. O ensaio reflete o que é amado e odiado, em vez de conceber o espírito como uma criação a partir do nada, segundo o modelo de uma irrestrita moral do trabalho. Felicidade e jogo lhe são essenciais. Ele não começa com Adão e Eva, mas com aquilo sobre o que deseja falar; diz o que a respeito lhe ocorre e termina onde sente ter chegado ao fim, não onde nada mais resta a dizer: ocupa, desse modo, um lugar entre despropósitos”. (Adorno, 2003, pág. 31)

Chamarei de *cartografia de um delírio, o desejo de ser artista num território de improbabilidades*, pois busco entender os porquês dessa escolha e dessa necessidade, tendo em vista as incertezas da carreira e profissionalização do artista no país. Através da exposição dos trabalhos produzidos e das relações com técnicas empregadas, além das possíveis origens dos temas abordados, são feitas leituras que buscam interpretar ou elucidar a *fazedura*, lançando mão de referenciais teóricos para compreender o que desenvolvi durante esse período. Procuo investigar o que ocorre durante o processo criativo, especificamente, na pintura e no desenho.

Ao me projetar como artista, sustento uma ocupação individual, criativa e propositiva dentro do todo, e crio fissuras, brechas e fendas para potenciais transformações coletivas. Através da arte, direciono meu caminho e forjo uma identidade alinhada à minha luta.

O projeto de graduação pretende apresentar as motivações que me levaram a desenvolver estas pinturas e desenhos, encontrando aí condições de expressar meu mundo subjetivo ao torná-lo visual, tangível. Emoções, atravessamentos e história, onde o “eu” se compõe e recompõe durante o processo que ocorre a partir de exercícios imagéticos, de onde vou “revelando” o trabalho.

Estas imagens “solicitam” ou “reivindicam” sua existência, e me parece que repousam nalgum campo quimérico, umbrático. No suporte, tela ou papel, adquirem formas e contornos, motivadas unicamente pelo embate que traço e pelo seu “resgate”, pois antes de serem, não existiam. Ora, é como se abrisse portinhas dentro de mim e buscasse essas imagens que em algum lugar onde repousam. Portanto, pode-se dizer que são imagens do inconsciente trazidas à luz através da atividade poética de criação. O desenrolar do projeto foi me apontando caminhos e, tendo tido mudanças de residência ao longo do percurso, também tive que me adaptar a novos espaços, territorialidades. Por isso, tratarei neste ensaio sobre as pinturas realizadas e também sobre os desenhos que ganharam corpo a partir de agosto de 2022 quando, morando noutro local onde o quarto passa a ser o ateliê, fiz uma conciliação desses dois espaços. Para isso, nos últimos trabalhos realizados, utilizei apenas grafite, pastel seco e giz branco, abrindo mão da pintura e retomando ao desenho.

Deste projeto, fazem parte quatro pinturas e três desenhos feitos nesse tempo de produção visual e texto escrito. Levando em conta a falta de registros durante os processos, pois não me ocorreu fotografá-los ao longo da produção, antecipo minhas desculpas a respeito dessa lacuna irreparável, ou reparável, a depender de quem analisa. Pois, em meus registros, os apresentarei já finalizados e me empenho, através da escrita, em organizá-los, descrevendo a experiência de *fazimento* de cada um deles.

## **Breve constatação sobre agosto de 2022**

Quando eu retorno ao desenho, passo a me sentir mais confiante e com a sensação de potencializar minha linguagem, que mobiliza uma transformação bastante profunda e inspirada desde dentro, fazendo com que o hábito de trabalhar e a vontade de ficarem fortalecidas. Teria sido a mudança e todas suas implicações que resultaram nesse retorno ao desenho? Fico pensando que o desenho é pedra angular do próprio Instituto de Artes da UFRGS, e que a prova específica foi o motivo da seleção lá em 2017, além do vestibular. Agora em 2022, prestes a concluir a graduação, tendo navegado e atravessado esse período cheio de turbulência, subitamente me sinto bastante entusiasmada diante do porvir.

## Sobre o ensaio

Descrever a própria produção exige concentração para recordar quais acontecimentos, decisões, motivações estão implicadas no fazer de cada trabalho. Dessa forma, mais ou menos traçado, é possível encontrar ordem diante do caos que é a criação. Contudo, é através do ensaio que posso desenvolver uma narrativa e esboçar ou me aproximar daquilo que mais possa interessar ao leitor: o processo poético.

“Níveis mais elevados de abstração não outorgam ao pensamento uma maior solenidade nem um teor metafísico; pelo contrário, o pensamento torna-se volátil com o avanço da abstração, e o ensaio se propõe precisamente a reparar uma parte dessa perda. (Adorno, 2003, pág. 26)

Através do ensaio encontrei recursos para aglutinar pensamentos desordenados sobre o processo, subjetivos em substância, que apaziguam uma sensação de descontentamento com o formato do projeto escrito. E em virtude disso, dessa perda com o avanço do pensamento abstrato, é que ele, o ensaio, acolhe melhor minhas elaborações, potencializa o texto, e torna mais orgânica a escrita. Além disso, os trabalhos realizados e aqui inseridos estão relacionados não somente com o período em que foram feitos, mas obviamente com o contexto histórico em que estão inseridos e com as minhas particularidades enquanto sujeito em busca de uma sofisticação da linguagem.

“A ingenuidade do estudante que não se contenta senão com o difícil e o formidável é mais sábia do que o pedantismo maduro, cujo dedo em riste adverte o pensamento de que seria melhor entender o mais simples antes de ousar enfrentar o mais complexo, a única coisa que o atrai.” (Adorno, 2003, pág. 32)

## Imagens de dentro

Não é necessário ter uma formação acadêmica para ser artista, sabemos. Porém, é preciso considerar que para ser reconhecido e ter um certo poder de barganha no jogo, o sujeito precisa, inevitavelmente, da validação de seus pares, da legitimação daqueles que integram o circuito artístico local ou ampliado. Portanto, quem assume essa escolha precisa de uma dose de coragem para seguir bancando seu desejo, além de condições excepcionais para pôr em curso uma carreira de restrito acesso. E acho válido apontar que, na minha família, não existem artistas, portanto, sou a primeira a assumir um “outro” caminho. Meus pais são trabalhadores: contador (pai) e funcionária pública do município (mãe), ambos aposentados, nascidos em famílias humildes.

Pois, essa escolha é, antes de mais nada, uma decisão “excêntrica” e oriunda sabe-se lá de qual teimosia resistente no espírito, sujeita às descobertas, dissabores, alegrias e frustrações cotidianas diante das incertezas da profissionalização. Por que diabos, então, empenhar-se numa segunda graduação que exige dedicação, tempo, paciência, para obter um título de bacharel em artes visuais num país que possui escassa ou nula celebração e direitos para categoria? Segunda graduação, pois a primeira foi em Ciências Biológicas, licenciada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, onde ingressei aos 18 anos e, depois de formada, atuei como professora na rede pública de ensino por um período.

Percebo que um dos grandes dilemas enfrentados na graduação em Artes Visuais foi a busca pela linguagem através de representações, sobretudo quando matriculada nos ateliês, momentos com predomínio da produção e prática. Trabalhar a partir de observação? De fotografias? Onde buscar “inspiração” para criar? Contudo, desde o afastamento do Instituto de Artes (IA), quando teve início a pandemia no início de 2020, despertei para um outro tipo de abordagem, produzindo a partir de imagens suscitadas, despertadas, elaboradas na imaginação. Acredito que a pandemia fez com que eu voltasse meus olhos pra dentro e desde aí pudesse sondar minha interioridade, circunstância provocada pelo isolamento social. Essas investigações ou sondagens foram as principais mobilizadoras para a criação

Quando ingressei em 2017/1 no IA, os exercícios e dinâmicas, habitualmente, eram voltados para fora (observação, tradição, técnicas, emprego de materiais), do que para essa investigação interna, ainda que a correlação esteja dada, porque uma não destitui a outra. Mas a tradição da antiga Escola de Belas Artes segue aí e, obviamente, me instrumentalizou, gerando recursos cognitivos capazes de “aprimorar” minha linguagem e expressão.

“Se emprestarmos as faculdades de um médium a um artista, somos obrigados a negar a este o estado de consciência, no plano estético, daquilo que ele está fazendo ou por que está fazendo. Todas suas decisões na execução artística da obra se reduzem à pura intuição e não podem ser traduzidas numa auto-análise, falada ou escrita, ou mesmo pensada.” e mais adiante ele diz (ele Marcel Duchamp em 1958, Houston): “No ato da criação, o artista passa da intenção à realização através de uma cadeia de reações totalmente subjetivas. Sua luta pela realização é uma série de esforços, dores, satisfações, recusas, decisões, que também não podem, nem devem ser completamente conscientes, pelo menos no plano estético”. (Sylvester, 1995, pág. 104)

### **Breve nota de foro íntimo**

Quando se escreve sobre a própria produção, é preciso entender como ela se dá, quais riscos são assumidos, quais são seus desdobramentos. Eu diria que ocorre, num primeiro momento, sem muita reflexão, pois se estabelece de cara pela ação e intuição, e em seguida através de observações, aproximações e distanciamentos. E o trabalho vai se tornando ritualístico, pois implica na criação de uma atmosfera imersiva, num estado de tensão criativa que abrange recursos cognitivos e subjetivos, possibilitando catarses e descobertas. Conforme Passeron (1997, p. 109) “é no recolhimento do ateliê e no foro íntimo do criador que a conduta criadora se torna o objeto específico da poiética”.

“Poiética é uma variante de poética marcada pelo retorno à etimologia grega: poiêtikê, de poien = fazer, fabricar. O emprego desta forma parece ter como efeito o sublinhar que uma teoria da obra de arte deve antes de mais procurar explicar o acto de produção, da fabricação material daquele, mais do que descrever o "produto acabado". (Angenot, 1984, pág. 31)

### **“São bem expressivos, não é?”**

Existem técnicas e convenções empregadas para obtenção de determinados resultados nas artes visuais. Podem ser entendidas enquanto convenções que quando trabalhadas tendem a extrair uma melhor representação, ainda que muitas vezes a formalidade no uso das cores, gestos, formas, silhuetas, esvazie-se de expressividade quando se trata de um trabalho estritamente técnico. Mas a pintura, assim como o desenho, pode vir a ser um campo ampliado para as emoções, onde um gesto violento e carregado de expressividade, emocional por excelência, costuma não caber numa dimensão regularmente controlada, de ordem técnica.

Desde que ingressei no IA, ouço eventualmente algum professor se referindo aos meus trabalhos como carregados de “expressividade”. No início, percebia esse termo de modo pejorativo: talvez não soubessem como dizer de outra forma que aquilo estava ruim. Entretanto, com o tempo fui percebendo que se tratava de um aspecto potente, usualmente atribuído a uma prática emocional e intensa. Através do tempo e de muito trabalho, fui entendendo que essa característica traz uma densidade interessante às composições. Por exemplo, na pintura, usualmente resultado de sucessivas alterações de conteúdo e formas, essa característica se expressa justamente pelo abandono de certos caminhos e pela abrupta transformação, devido ao emprego de uma forte gestualidade. Ou seja, sofre alterações constantes a depender do próprio estado emocional em que me encontro, pois eu sinto que está, a pintura, mais sujeita a imprevisibilidade, pois uma pincelada pode alterar todo o rumo da composição. Cores em tinta e pinceladas podem reorientar a todo o momento o trabalho, uma vez que não fico à mercê de um projeto pré-definido, a pintura vai acontecendo e pode se modificar quantas vezes for necessária. Entretanto, no desenho isso se manifesta de outra maneira, pois existe uma desaceleração resultante do próprio material empregado, o grafite ou o giz, e das distinções existentes entre o processo pictórico e o gráfico.

Poderia supor, então, que meu tratamento é mais visceral, pois emoções costumam se apresentar de forma direta, sem mediação, com certa crueza e brutalidade. As figuras na pintura revelam isso, uma vez que não pretendem se assemelhar à figura humana

por excelência, com suas proporções e volumes. São figuras toscas que desejam antes expressar uma emoção do que parecerem bem acabadas. Nessa série, busquei a proporção da dor e do sofrimento num momento de muita angústia, e esbarrei, quem sabe, na dimensão desse sentimento, e isso vai se revelando nas sugestões ou leituras que os trabalhos apontam.

## **A pergunta que não quer calar**

- E você, faz o quê?
- Eu sou artista.
- E vive de quê?

## Sobre ser criança novamente

A primeira pintura que integra foi um acontecimento de duas noites imersivas em busca de formas, cores, gestos, volumes que acautelasse noções de certo e errado, bom e ruim, e por si só já são um grande equívoco, portanto, resgatei uma experimentação bem infantil, como se fosse criança outra vez. Obviamente, relacionei as formas e as cores empregadas, onde se encaixavam, como respondiam, de que forma vibravam. Mas foi necessário um desprendimento de alguns julgamentos para me soltar e encontrar algo que renovasse e rompesse com algumas frustrações de processos anteriores.



*Imagem 1 - sobre ser criança novamente - 96 x 53 cm - acrílica sobre tela - 2022*

Para isso, priorizei soltura do gesto e desprendimento de formas pré-concebidas, indo atrás de uma composição livre e dinâmica. O fundo rosa da tela já estava pronto de outros tempos, pois acabei abandonando-o entre outros trabalhos, estando, na realidade, há vários meses esquecido. Então, uma vez reencontrado dentro do armário, afixei no suporte e deixei agindo ali no espaço. Lancei algumas “ilhas” de cor, com azul da prússia, que tencionaram com o fundo, criando “territórios”. Houve alternância das

pinceladas, onde experimentei alguns padrões tracejados em tamanhos distintos, em diferentes sentidos, criando determinados movimentos na composição.

Minha intenção era descobrir variadas formas de pincelar, com diferentes movimentos sendo empregados para gerar uma disposição enriquecida em gestos, mas não determinada por formas pré-estabelecidas. Por exemplo, o amarelo costuma vibrar muito quando empregado, e fui utilizando-o de um jeito intuitivo para aumentar a agitação dos elementos pois, caso não houvesse o emprego dessa cor, noto que a composição ficaria mais “baixa”. E esse trabalho foi realizado em duas noites, por isso existe significativa gestualidade, mas não há sobreposição de camadas, característica típica do processo pictórico, pois a composição foi realizada num afã de extrair algo de ordem espontânea e rápida, sem exigências. Ainda que tenham surgido formas e contornos reconhecíveis, não há um significado imediato para eles, e sim a experiência registrada sem definições de longa duração.

O desdobramento dessa “experiência lúdica” é uma pintura arejada, despretensiosa, que talvez tenha resultado desde uma perspectiva “inocente”. A leitura é aberta, estimulando possíveis narrativas, a depender do interlocutor. Não teve embate travado, pois não houve espaço nem tempo para frustrações ou julgamento que pudesse sabotar o que estava sendo feito. Eu simplesmente utilizei essa tela com fundo preparado e fui pincelando cores e criando formas com tinta acrílica no pincel. O resultado expõe essa simplicidade e talvez, para alguns, uma sensação de inacabado. A brincadeira, o jogo, a experimentação estão presentes e, ao fazer arte, também ingressamos no campo das experiências que se pretendem lúdicas, pois esse é o epicentro da criatividade.



*Imagem 2 - detalhe de um acontecimento bonito*

## **Berro**

A angústia talvez seja o tema dos três trabalhos que seguem, pois eles escancaram um momento de crise, simbolizando uma solidão que se impunha na minha casa e rotina, num período de overdose da minha presença e trocas pontuais com amigos e família. Fui me habituando a uma situação ensimesmada, me sentindo deprimida e solitária. Em contrapartida, o lado curioso desse período é que a produção em pintura foi um ancoramento. Em vez de seguir discorrendo sobre o tema, que ainda carece de elaboração, apresento imagens dessas pinturas, ressaltando que me forneceram recursos para seguir caminhando, tendo a arte salvaguardado a fé em dias melhores.



*Imagem 4 - algo horrípilante ocorreu - 96 x 62 cm - acrílica sobre tela - 2022*

O cenário ao fundo se revela rígido, obscuro, com cores de baixa vibração, numa densa atmosfera que, ao meu ver, recorre a algo arquetipicamente relacionado à ditadura: torres de comando e fuzis em riste, cassetetes e capacetes. Mesmo tendo nascido durante o período de redemocratização do país, vinte e um anos de ditadura o deformaram, e convivemos atualmente com a liberação desses assuntos engavetados, refletidos nesse trabalho em algum nível.

Existe também uma grade atrás da figura que grita, as mãos para o alto, de onde se enxerga apenas as falanges dos ossos em amarelo, e destaco a cor amarela trazendo uma certa luz às mãos, como se desejasse provocar essa sensação luminosa. Existem ainda quatro flechas, duas apontadas para cima, em sentidos opostos, duas para baixo, também em sentidos contrários. Parece que tudo provoca uma desorientação na figura que grita como se escapasse de alguma coisa ou de alguém. O preto que predomina na composição é o preto de marte, uma cor fosca e fechada. Os ossos saltam e a criatura parece ter sido carneada ou crucificada. O rosto ou face mascarada é negro ou mestiço, com olhos esbugalhados, tendo uma auréola vermelha em volta de cada um.

Em uma das visitas que o orientador Flávio fez ao ateliê, de suas tantas contribuições, uma delas me marcou. Ele comentou que um trabalho colocado próximo ou perto daqueles que ainda estão por vir, serve de contraponto ou dá indícios aos que virão. Esse trabalho, portanto, surge da redescoberta de outra tela em acrílica que fiz no ateliê de pintura lá em 2019, anterior à pandemia, numa disciplina da prof<sup>a</sup>. Lilian Maus. Foi um dos únicos que guardei, e estava também esquecido no armário. Ao resgatar, pendurei e daí surge “algo horripilante ocorreu”.

De fato, pude entender do que se tratava a sugestão do Flávio quando uma pintura entrou na outra, foi ponto de partida, tencionou, ativou, fez paralelo etc. Na próxima página, é possível visualizar esse trabalho, ainda sem título, que está intimamente relacionado com aquele que faz parte do projeto.



*Imagem 6 - trabalho na disciplina de ateliê de pintura de 2019 - 70 x 47 cm - acrílica sobre tela.*

## Refugiados

Na linha desses trabalhos, surge o de maior dimensão na série, e nele se encontram outros elementos incipientes ou mesmo presentes nos apresentados anteriormente. Mesmo sendo pintura, os aspectos gráficos que estruturam a composição atraem o olho, pois nascem de pinceladas grandes, com muita tinta no pincel e gesto único, sem retoque. Bem acima da composição, um céu bastante escuro, com a sobreposição de traços brancos. Justamente abaixo, tons avermelhados e terrosos, lembrando talvez montanhas, pois se apresentam de maneira sinuosa e rítmica. Existe um ponto de fuga junto a uma bola avermelhada, ou talvez o sol, que se põe atrás de um estrutura predominantemente preta e também arredondada.

Parece ter acontecido uma catástrofe no cenário ao fundo, com três personagens em fuga no primeiro plano, de mãos para o alto, aterrorizados. Um “fuzil” desponta na parte



*Imagem 7 - figuras em fuga e insanidade de um touro à direita - 160 x 85 cm - acrílica sobre tela - 2022*

direita da composição, e é segurado por uma mão, de braço tatuado com um diamante (mais um elemento gráfico). A imagem de um touro aparece na parte direita da tela, referência direta ao animal presente em *Guernica* de Picasso. Bastões ou cassetetes surgem por detrás das figuras. Uma matéria azul envolve aquela mais à esquerda,

enquanto a matéria verde envolve as da direita. Percebe-se que essas pinceladas de matéria que ocultam a parte inferior dos personagens foi depositada por último. Em realidade, não me agradou a forma que foram adquirindo ao longo do processo, então, resolvi trabalhar com outro tipo de pincelada e de movimento em sobreposição, para dar uma dinâmica diferente. Confesso que não sei direito se funcionou bem essa “solução”, mas como toda composição está imersa em diferentes tempos e também movimentos, a depender do meu estado, achei que tinha encontrado uma chave para esse dilema.



*Imagem 8 - detalhe dos cassetetes, dos olhos esbugalhados e do horizonte*

## De um navio tumbeiro

É interessante perceber o quanto essas pinturas estão intimamente relacionadas, incluindo a próxima, provavelmente por terem sido feitas no mesmo período, portanto parecem unificadas pelo mesmo fio. Existe uma metáfora que explica como ocorre o processo de trabalho, e como essas pinturas vieram à tona de forma seriada. É a metáfora encontrada na mitologia quando Teseu entra no labirinto e sobrevive graças ao fio, fabricado por Ariadne, e que ele leva em mãos.

Sem dúvida, esse trabalho foi o que sofreu maiores modificações ao longo do tempo. Acho que a experiência de dor contida nele é compatível com a penumbra do oceano e do céu que ocupam a parte superior da tela. E o suposto pedaço de carne flutuando, me recorda negras e negros escravizados que durante séculos foram capturados e forçados a fazer uma travessia. Estima-se que pelo menos 20% dos escravizados tenham morrido nesse percurso, pois eram carregados nos porões dos navios, onde morriam devido às miseráveis condições às quais eram submetidos.

Durante a *fazedura* dessa pintura, não me ocorreu objetivamente que pudesse se tratar da tumba de um navio, mas observando os resultados e as escolhas que fiz ao tratar essa composição, que passou por muitas transformações, desde a diminuição do “pedaço de carne” ao centro da tela, até o aparecimento dessas figuras “embaixo” d’água, fui percebendo a relação estreita com essa passagem dolorosa da história, e talvez acessando ou tendo algum vestígio dessa própria história contida em mim, uma vez que muitos de meus antepassados foram submetidos a esse sistema escravocrata. Sem dúvida, a que sofreu maiores modificações, ainda que, desde o início, o céu e a linha do horizonte estivessem presentes. Depois, veio essa “carne”, que tinha um tamanho maior, e parecia um charque suspenso. Contudo, foi diminuindo e dando espaço para as “ondas” e para a cena submersa de figuras aprisionadas.



*Imagem 9 - carne suspensa*



*Imagem 10 - surgem figuras na porção inferior da tela*



*Imagem 11 - o resultado depois de sucessivas transformações - 105 x 80 cm - acrílica sobre tela - 2022*

## O som do grito



*Imagem 12 - desenhos em pequenos formatos onde surge o grito*

Esses desenhos em pequeno formato apresentam uma repetição de três homens gritando, e existem indícios de que gritam com força, pois neles estão contidas expressões vinculadas à dor, raiva, ira, horror ou espanto. O grito oportuniza a liberação de um sentimento através de um determinado som e energia, a depender de quem emite e das circunstâncias em que é emitido. Quando abordo com certa frequência esse tema em meus trabalhos, desejo tratar sobre esses sentimentos guardados, amontoados, e da necessidade de manifestá-los.

## **Fantasmagorias e afins**

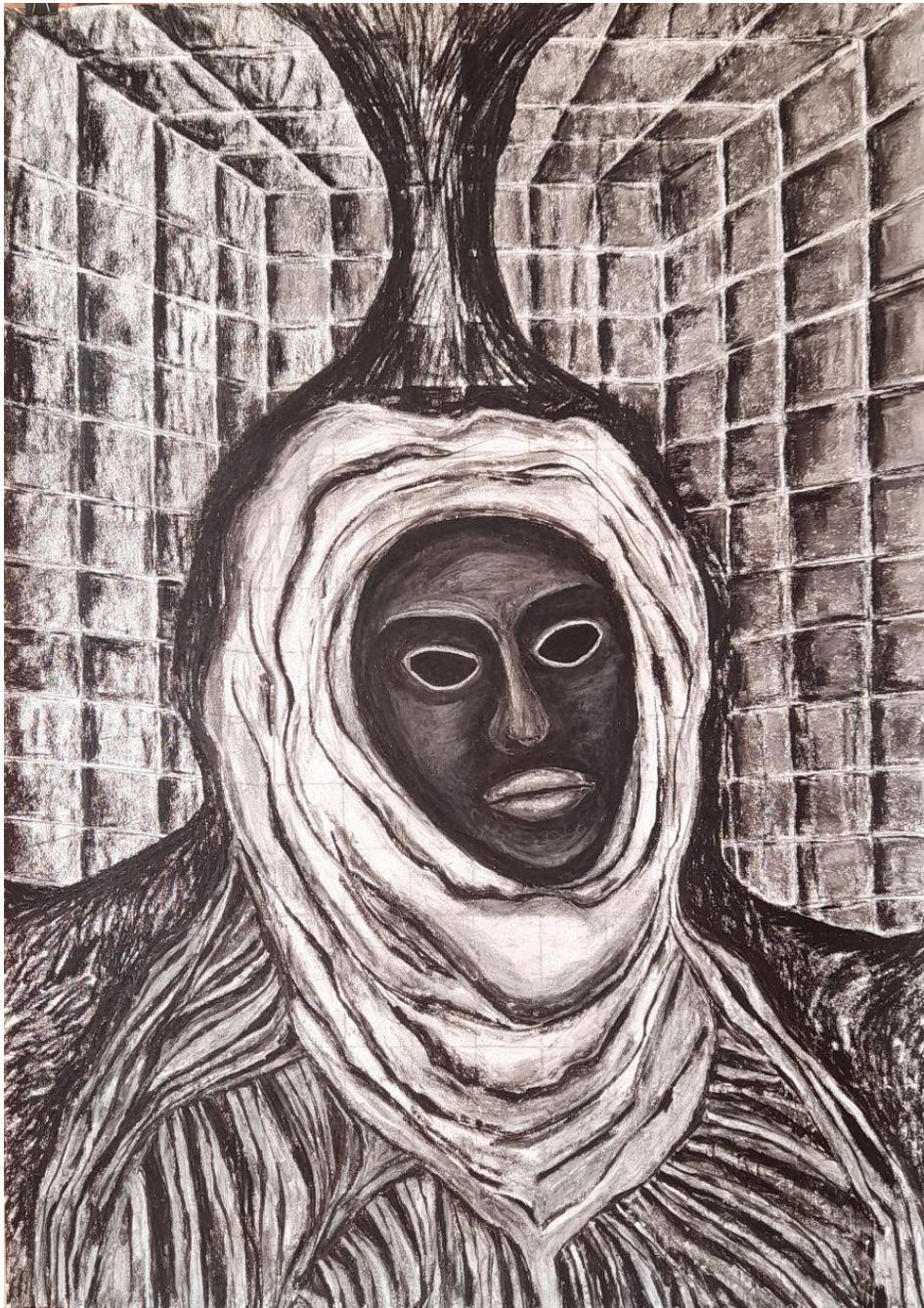
Esses três desenhos também fazem parte do projeto, mas eles não foram planejados para estarem aqui, pois minha intenção inicial era apresentar trabalhos em pintura. Contudo, a mudança de apartamento e as limitações de espaço, onde meu quarto se transformou em ateliê, fez com que tivesse que me adaptar e reorientar continuidades. Os três surgiram a partir da imaginação, da interioridade ou de imagens projetadas do inconsciente, pois não são trabalhadas de observação direta do que já existe.

No desenho, persistem os primeiros lançamentos de linhas e imagens que são continuamente trabalhadas até adquirirem formas com forte teor fantasmagórico. Ou seja, o desenho está menos suscetível a transformações e redefinições que a pintura, seguindo fiel aos primeiros lançamentos e orientações esboçados no embate inicial. Progressivamente, as primeiras imagens projetadas vão se revelando tal qual espectros e, uma vez iniciadas, organizo a construção dessas "aparições", orientando um plano de fundo e um primeiro plano onde se destacam. Pois bem, os espectros no desenho reivindicam suas existências assim que são lançados os primeiros traços, e vão adquirindo personalidade ao longo do processo.

A observação tem papel fundamental na continuidade do trabalho, devendo ser classificada como prática ativa, uma vez que qualifica o exercício do olhar e de outros sentidos em qualquer processo criativo. A observação afina a percepção e revela como as imagens pretendem se exhibir desde o lugar oculto onde se escondiam, até a tela ou o papel onde se notabilizam. E, ao trabalhar a partir da imaginação, abordo temas que residem numa penumbra subjetiva - os ocultamentos escondidos em labirintos - onde as fantasmagorias com as quais me ocupo exigem uma forte relação de proximidade, entendimento e conexão.



*Imagem 12 - fantasmagorias I - 105 x 80 cm - carvão e giz branco sobre tela - 2022*



*Imagem 13 - fantasmagorias II - 84 x 60 cm - carvão e giz branco sobre tela - 2022*



*Imagem 13 - fantasmagorias III - 84 x 60 cm - carvão e giz branco sobre tela - 2022*

## Considerações finais

Tendo em vista o mapeamento feito nos capítulos anteriores, abarcando pintura e breve reflexão sobre o desenho, reconheço a complexidade envolvida no processo criativo, e o quão tortuoso é escrever a seu respeito. Ao produzir, eu não estou necessariamente refletindo sobre questões abstratas, pois meu empenho ao fazer é de coordenar ação e pensamento para a elaboração da obra. Investigações de natureza especulativa, entretanto, são feitas no momento de formulação escrita ou falada, apontando ao leitor/espectador certas maneiras de enxergar o trabalho, além de tecer um mapa dos caminhos percorridos.

O que me surpreende, ao trabalhar a partir da imaginação, é a revelação desses temas que me atravessam e estão presentes. Também os desdobramentos, ou seja, quando um trabalho mora dentro do outro e desse se desprende, adquirindo outros contornos, mas tendo origem próxima. São construções ou revelações rizomáticas, conectadas de forma subterrânea. Contudo, acho que um distanciamento de tempo é necessário para melhor apreensão daquilo que foi produzido, pois ainda me parece mera especulação o que tento fazer aqui no projeto escrito, mesmo tendo trazido formulações importantes em relação aos trabalhos. Prefiro acreditar na espontânea contribuição daqueles que vão fruir das obras, pois trarão uma ampliação dessas especulações, aprofundando a formulação de conceitos e esclarecendo aspectos ainda ocultos para mim.

E por fim, seguirei empenhada e atenta em meu trabalho, na tentativa de elucidar o que está em obra na obra, onde pretendo dar seguimento às investigações poéticas no mestrado, desdobrando as imagens fantasmagóricas e seduzida por seus mistérios e confissões.

## Referências bibliográficas

ADORNO, Theodor. Notas de Literatura I, capítulo I, Ensaio como Forma. 1ª ed. São Paulo, 2003, editora 34 Ltda

SYLVESTER, David. Entrevistas com Francis Bacon, A Brutalidade dos Fatos. 3ª ed. São Paulo, 1995, editora Cosac & Naify Ltda

ANGENOT, Marc. Glossário da Crítica Contemporânea. 1ª ed. Rio de Janeiro, 1984, editora Comunicação